

VARIEDADES DE AMOREIRA E SEU EMPRÉGO NA CRIAÇÃO DO BICHO DA SEDA

ANTONIO CASTILHO RÚBIA

Serviço de Sericicultura — Campinas, S. Paulo

A amoreira é uma planta pertencente à família Moraceae. Produz um fruto preto ou róseo muito apreciado pelo seu sabor. Há mais de trinta séculos suas folhas são utilizadas na criação do bicho da seda. Fornecem elementos nutritivos suficientes para o crescimento das larvas e para que estas secretem de suas glândulas sericígenas um produto que quando expelido, endurece ao contacto com o ar e se transforma em um fio de seda contínuo. No Brasil a exploração da amoreira é exclusivamente orientada para a produção de folhas, que podem ser obtidas de plantações formadas em diferentes sistemas de cultivo, sendo no presente trabalho considerados apenas os dois seguintes: "fuste" e "cêpo".

O primeiro, isto é, sistema de "fuste" está pouco difundido nas zonas sericícolas do Estado, sendo geralmente aplicado em pequenas criações. Entretanto, é o mais aconselhado, por ser considerado o mais econômico para as amoreiras mais produtivas. Assim é que todo sericultor que deseja obter maior lucro em suas criações deverá se orientar pelas normas técnicas, necessárias à formação de um amoreiral altamente produtivo em folhas. Entretanto, qualquer variedade de amoreira cultivada nesse sistema exige o concurso de operário com conhecimentos práticos de poda de produção, como é o caso das variedades selecionadas ou importadas. Mas a poda de produ-

ção nenhuma dificuldade acarreta, porquanto é de fácil execução e está ao alcance de qualquer operário agrícola. A amoreira no caso deste sistema de cultivo é uma planta completa, pois apresenta todos seus órgãos tais como : tronco, galhos, ramos, folhas, flores e frutos, como ilustra a fotografia n. 1. Por outro lado, é importante que a variedade seja pouco produtora de frutos, porque estes consomem grande quantidade de suas reservas, em prejuizo da produção de folhas.

Tôdas as variedades de amoreira estão distribuidas em dois grupos, a saber :

a) Grupo das variedades selecionadas ou importadas como a Catânia 1, Catânia 2, Morettiana, tôdas de origem italiana, a Nezumigaesi de origem japonesa e a Catânia Paulista, que é uma variedade híbrida. Estas variedades apresentam índice elevado de produção de folhas e são bastante superiores às variedades comuns.

b) Grupo das variedades comuns ou nacionais de amoreiras; são de baixa produtividade em relação às anteriores, porém são bastante rústicas e representadas pelas seguintes: Calabreza, Fernão Dias, Lopes Lins, Talo Roxo, etc.

A diferença que se faz entre estas variedades relaciona-se mais com a produtividade e aos processos de multiplicação. Assim, é que as variedades do primeiro grupo, como verificamos, são mais produtivas, porém, multiplicam-se pelo processo de enxertia, enquanto que as do segundo grupo multiplicam-se facilmente pelo processo de estaquia, porém com o inconveniente de apresentarem baixa produção de folhas.

Cada variedade de amoreira apresentando umas tantas características próprias, torna possível seu diferente emprêgo nas diversas idades do bicho da seda. Das variedades comuns, a Calabreza é a mais cultivada por ser bastante rústica e muito precoce. Tem sido muito empregada como porta-enxerto das variedades selecionadas ou importadas; possui folhas de pouca consistência, resistindo por isso pouco tempo ao murcha-

mento após a colheita, apesar de apresentar produtividade maior comparativamente às demais do seu grupo. Devido à sua maior precocidade por entrar em brotação logo após as primeiras chuvas da primavera, permite ao sericicultor, iniciar mais cedo suas criações, porque as larvas nas primeiras idades (1a., 2a. e 3a.) dão preferência às folhas tenras e pouco consistentes. Estas quando maduras também se prestam para alimentação das larvas nas ultimas idades (4a. e 5a.) em substituição às folhas das variedades importadas ou selecionadas, porém com o inconveniente de apresentar menor rendimento na produção de casulos. A variedade Fernão Dias possui quase as mesmas características da variedade Calabreza, porém, sua produção, por unidade de área, é menor. Suas folhas também se prestam para a alimentação das larvas em tôdas as idades. A variedade Lopes Lins se assemelha muito às duas anteriores, porém sua produção de folhas é também inferior. Como as anteriores, multiplica-se facilmente pelo processo da estaquia.

O grupo das variedades importadas ou selecionadas, que inclui a variedade Catânia Paulista, Catânia 1, Catania 2, Morettiana, Nezumigaesi, possui características diferentes. Em princípio são tôdas de produtividade bem superior a qualquer variedade comum. A brotação na primavera se verifica mais ou menos no mês de outubro se a poda de inverno fôr executada em fins de julho, com exceção da Nezumigaesi. Esta é a amoreira que se apresenta mais tardia, porém permite a criação do bicho da sêda no período de inverno, por ser muito resistente ao frio. Por outro lado, estas variedades apresentam folhas mais consistentes quando maduras e mais ricas em elementos nutritivos. A maior desvantagem destas variedades é de se multiplicarem apenas pelo processo da enxertia. Suas folhas quando colhidas, ao contrário das variedades comuns, resistem bastante ao murchamento, o que constitui também grande vantagem.

Do conhecimento das principais características de cada variedade de amoreira, o sericicultor tira melhor proveito na exploração do bicho da sêda e em consequência auferere maiores lucros. Daí aconselhar-se o plantio e o seu emprêgo de acôrdo com os períodos larvais como segue : Calabreza e Fernão Dias

para a alimentação das larvas nas primeiras idades; Catânia 1, Catânia 2, Morettiana, etc., para a alimentação das larvas nas ultimas idades e finalmente a Nezumigaesi para as criações tardias.

As variedades de amoreira empregadas para o caso do sistema de "cêpo", que é o mais difundido no Estado, como mostra a fotografia n. 2, devido às facilidades de formação e de exploração, são aquelas representadas pelas variedades comuns e que se multiplicam facilmente pelo processo de estaquia. A amoreira neste sistema de cultivo, é conduzida durante toda sua vida sobre "cêpos" devido a severidade dos cortes efetuados por ocasião da poda de produção e de colheitas parciais dos seus ramos, como ilustra a fotografia n. 3. Neste caso, a amoreira não apresentará todos seus órgãos. O maior inconveniente, como foi dito, é que justamente as variedades de amoreira mais produtivas, como as importadas ou selecionadas não podem ser cultivadas neste sistema porque não se multiplicam pela estaquia, e em consequência a grande maioria dos criadores tem conseguido pequeno rendimento na produção de casulos por unidade de área de plantio. Ainda com referência a essas variedades importadas de amoreira, convém observar que as ultimas experiências de enraizamento de suas estacas pelos hormônios vegetais em estufim rústico, apresentaram ótimo resultado. As estacas enraizadas em elevada percentagem (90% no caso do ácido béta-indól-acético), depois de passarem algum tempo debaixo de "viveiro", irão constituir ensaio de produtividade no referido sistema de "cêpo", no qual ainda se observará o seguinte: percentagem de pegamento das mudas, longevidade das plantas e, por último, resistência aos cortes rentes ao solo.



A: amoreira no sistema de "fuste"; B: idem, cultivada em "cêpo"; C: colheita no sistema de "cêpo".